

Sítios arqueológicos no Vale do Taquari

A arqueologia é uma ciência com métodos próprios que desenvolve sobre tudo a capacidade de "ler" o que dizem os vestígios encontrados. Uma profissão que exige certo esforço físico e disponibilidade diante dos desafios do desconhecido, dois ingredientes indispensáveis, afinal, a toda grande aventura.

A doutora Neli Galarce Machado coordenadora do setor de Arqueologia da Univates e professora do mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, explica que a ciência, assim como a História, estuda o passado do homem. A Arqueologia investiga o cotidiano dos povos, a maneira como se organizavam e a sua cultura material, associada a um contexto arqueológico, ou seja, a área onde se encontra o material, com sedimentos, restos biológicos.



A Arqueologia examina materiais e sítios arqueológicos num contexto. Não é algo fragmentado, uma peça, um caquinho de cerâmica, mas, sim, o todo, para entender como eram as sociedades invisíveis, sem história. Conforme Neli, a narração metódica dos fatos ocorridos na vida dos povos começou a ser feita há mais de 30 mil anos, e os habitantes antigos estão à margem da historiografia e é por meio da arqueologia que se consegue dar vida a esses povos que já desapareceram.

A pesquisadora conta que desde que chegou ao Vale do Taquari tem um contato excelente com os agricultores já que o povo daqui tem algo peculiar. Alguns descendentes de imigrantes que moram em sítios arqueológicos têm respeito por essa cultura com a qual eles não têm nenhuma identificação cultural. Ela acredita que essa consciência deve-se ao trabalho sério de divulgação que a Univates vem fazendo, ressaltando que infelizmente existe ainda o mito do tesouro, do ouro, do valor financeiro, do dinheiro, da peça que vale como troca. Para ela, essas crenças não são criadas pela população leiga, mas por indivíduos que têm informações superficiais ou apenas são curiosos no tema, mas que por algum motivo despertam no grande grupo comportamentos negativos à preservação do patrimônio cultural. O problema é essas pessoas que divulgam dados de forma irresponsável. O cidadão capta e acha que aquilo é verdadeiro e isso acaba destruindo o que foi construído de forma séria, educativa, demorada e desperta nas pessoas uma fissura por encontrar tesouros. O que tem valor é a história dos grupos culturais no todo, não em partes.

É proibido pela legislação brasileira comercializar qualquer tipo de patrimônio cultural, arqueológico ou histórico. Parece que a história do Vale do Taquari começa em 1800, com a chegada dos primeiros imigrantes. Não é verdade. Ela começa há cerca de 4 mil anos, quando se encontravam aqui caçadores-coletores e horticultores que desenvolviam suas complexas culturas.

Sítios no Vale

No Rio Grande do Sul existem muitos arqueólogos nas instituições de Ensino Superior, que trabalham em projetos de pesquisa. Para que esses projetos existam não bastam serem provados pela instituição: precisam ser autorizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), um órgão do Ministério da Cultura. Para atuar devem ter o aval do ministério, que emite uma portaria designando responsáveis pelas áreas.

Em 2000 a Univates começou um projeto de pesquisa de longa duração. No Vale do Taquari existem inúmeros sítios arqueológicos, praticamente em toda a sua área. O grupo social que viveu aqui não desenvolveu a sua cultura na região - veio da Amazônia e estabeleceu-se nestas paragens. Eram caçadores-coletores e horticultores que vieram do Pampa ou de outras regiões em busca de recursos ambientais, que aqui existem em abundância até hoje. Há mais de dois mil anos a diversidade ambiental já era imensa.

Em cada região existem sítios característicos do lugar, devido ao ambiente, à geografia. Os grupos adaptavam-se de acordo com o que encontravam pela frente, assim, a cultura material é o resultado da ligação com o ambiente. O Vale do Taquari tem uma diversidade de grupos porque é um vale fértil. Inúmeros grupos vieram e centenas de pessoas moraram aqui até a chegada do imigrante europeu, que retirou de alguma forma essas populações indígenas.

A pesquisa científica na região iniciou-se no ano de 2000 e trata-se de um estudo com técnica, metodologia, critério científico e envolvimento com a educação patrimonial, fazendo com que as pessoas entendam que os sítios arqueológicos não pertencem a ninguém em particular, mas a todos, e que essa história é de um povo que não existe mais e deve ser contada de forma séria e responsável.